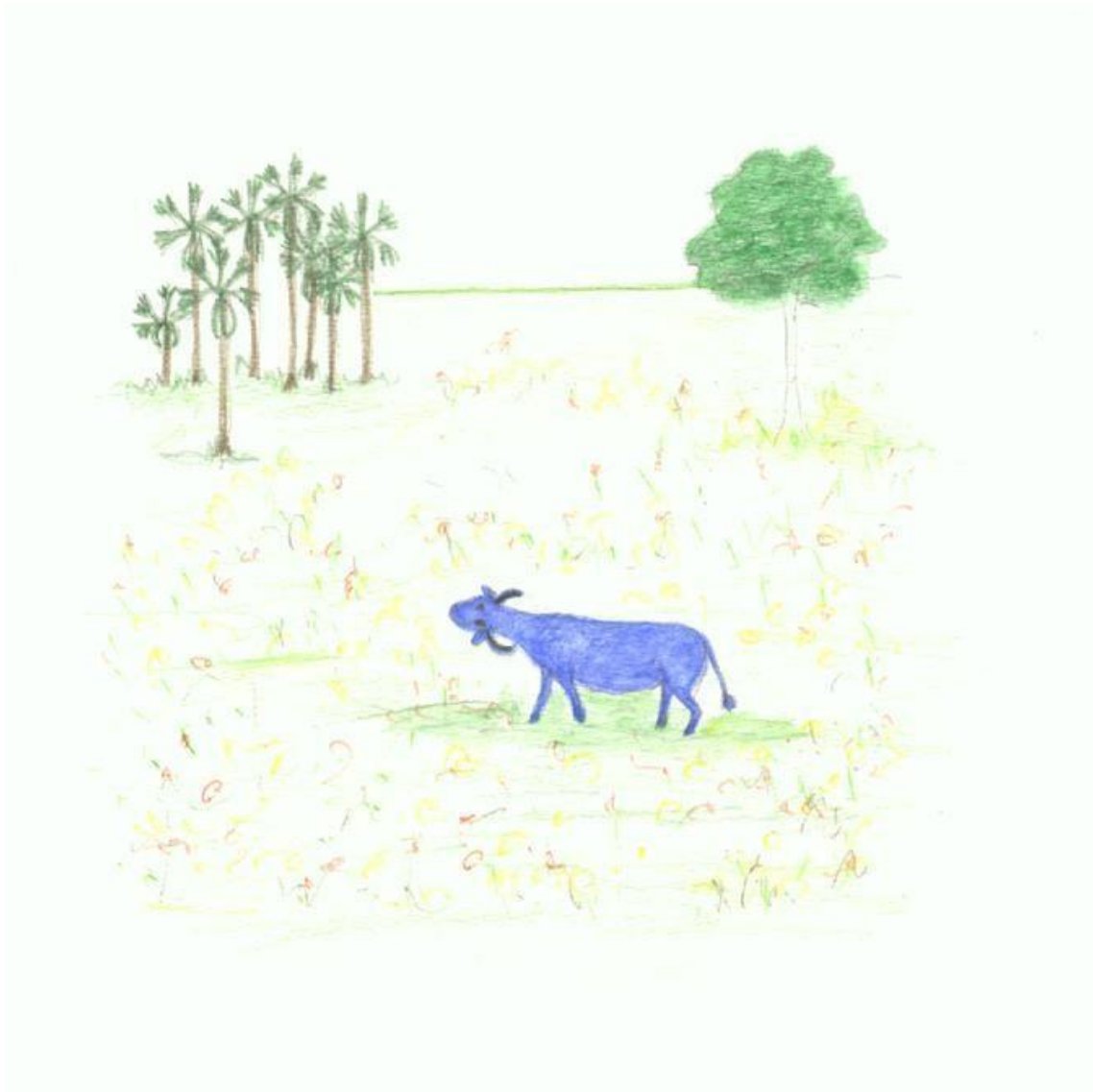


Virgilio Costa



A Vaquinha Titiringô e a Cobra Gabriola

Aquarelas de Nazareth Costa



Era uma vez uma vaquinha chamada Titiringô.

Ela morava no Sítio São Luís do Socavão e era muito bonita.

De dia pastava no morro verde; de noite vinha para sua casa, um curral pequeno, com um telhado de palha e troncos de carnaúba, feitos com muito cuidado pelo Seu Mundoca, que era quem tomava conta do sítio.

Um dia a Vaquinha Titiringô ficou grávida. O Mundoca disse: — *A vaca está prenha!*

Ela ficou tão feliz. Comia bastante capim para alimentar o bezerrinho que estava dentro da barriga, e a barriga ficou muito grande.

Ela pensava: vou cuidar muito bem do meu bezerrinho, para ele virar um touro bem forte; ou, se for uma vaquinha como eu, dar muito leite.

Vou trazer sempre água, para a boca dele nunca ficar seca, lenha, para ele sempre ficar aquecido, leite, para poder crescer, e fogo, para ter muita vida.

A Vaquinha Titiringô arrumou toda a casinha, como um presepe, para a sua chegada.

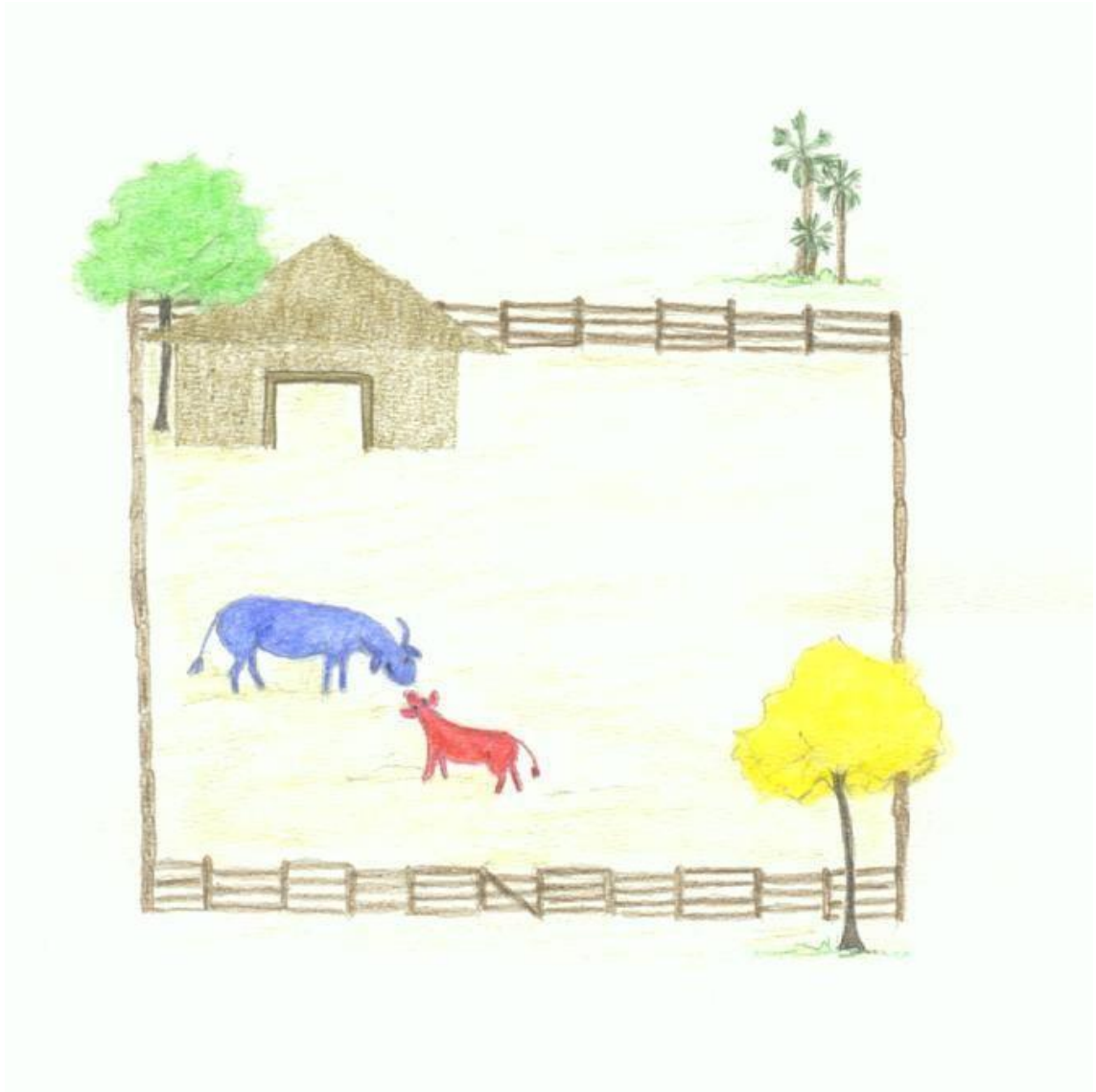
Uma noite, o bezerrinho nasceu. Sua mãe ficou cheia de alegria.

Na hora de nascer, ela teve de fazer muita força, e depois cortou o cordão do umbigo dele com os dentes, e lambeu a pele melada que têm os bezerros quando nascem. E ele já quis logo andar e correr, se equilibrando nas pernas finas! Era o bezerro mais lindo do mundo!

O bezerrinho foi crescendo feliz; às vezes saltava, às vezes ficava só deitado, olhando o céu e as nuvens.

A vaquinha, porém, teve logo de voltar a trabalhar. Como o bezerrinho ainda era muito pequeno para ficar com os outros bezerros no pasto, a Vaquinha Titiringô achou melhor deixar ele em casa, enquanto estava fora.

No Socavão tinha vários perigos, e por isso a mãe tinha medo de alguma coisa lhe acontecer.



Pediu ao Mundoca que fizesse uma fechadura muito segura, que só funcionasse por dentro, e ensinou ao filho que nunca abrisse para nenhum estranho, só para ela. Ele sabia quando era ela porque, quando chegava de volta do pasto, ela cantava junto à porteira:

— *Abre a porta meu filhinho*
que aqui está sua mãezinha que
traz leite no peito,
traz fogo nos olhos, água na
boca
traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!

Todo dia a vaquinha ia para o pasto, balançando seu sino no pescoço, e toda noite voltava. E dizia:

— *Abre a porta meu filhinho*
que aqui está sua
mãezinha que traz leite no
peito,

*traz fogo nos olhos, água na
boca traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!*

E o bezerrinho abria a porta.

Iam vivendo, sempre felizes.

Aconteceu que, um dia, apareceu lá pelo Socavão a Cobra Gabriola, que come gente, come bicho, e come tudo quanto há.

Ela viu a vaquinha saindo, e ficou com muita vontade de comer o bezerrinho. Deu uma fome danada nela.

Ela esperou um tempo, e depois foi até o curral. Tentou abrir a porteira, mas a tranca que o Mundoca tinha feito era muito boa, e não abriu. Então ela bateu na porta.

— *Quem é?* perguntou o bezerrinho.

A cobra disse:

— *É a Cobra Gabriola, que come gente, come bicho, come tudo quanto há.* Foi o bastante para o bezerrinho não abrir. E ficou quietinho, sem nem respirar.



A Cobra Gabriola não desistiu.

No outro dia, quando ele perguntou quem era, ela disse ao bezerrinho:

— *Aqui é a sua mãe.*

Mas não cantou a cantiga, e ele soube que não era a vaquinha. Ele sabia reconhecer sua mãe.

Todos os dias a cobra voltava e tentava uma coisa diferente. Mas não conseguia entrar, porque o bezerrinho sabia muito bem que não era a mãe.

Um dia, porém, a cobra veio de tardinha, no lusco-fusco, na hora em que todos os gatos são pardos. Era a hora em que a vaquinha estava chegando. E ouviu o bezerrinho perguntar:

— *Quem é?*

E a vaquinha cantar:

— *Abre a porta meu filhinho
que aqui está sua mãezinha que
traz leite no peito,*

*traz fogo nos olhos, água na
boca*

*traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!*

O bezerrinho abriu a porta, e ela entrou na casinha, para passarem a noite, juntos e quentinhos.

No dia seguinte, a cobra esperou a vaca sair, com seu focinho molhado, balançando seu chocalho e abanando seu rabo e suas orelhas para espantar as moscas. Aí, foi na porteira e bateu. O bezerrinho perguntou quem era, e ela disse: — *Abre a porta meu filhinho*

que aqui está sua mãezinha que

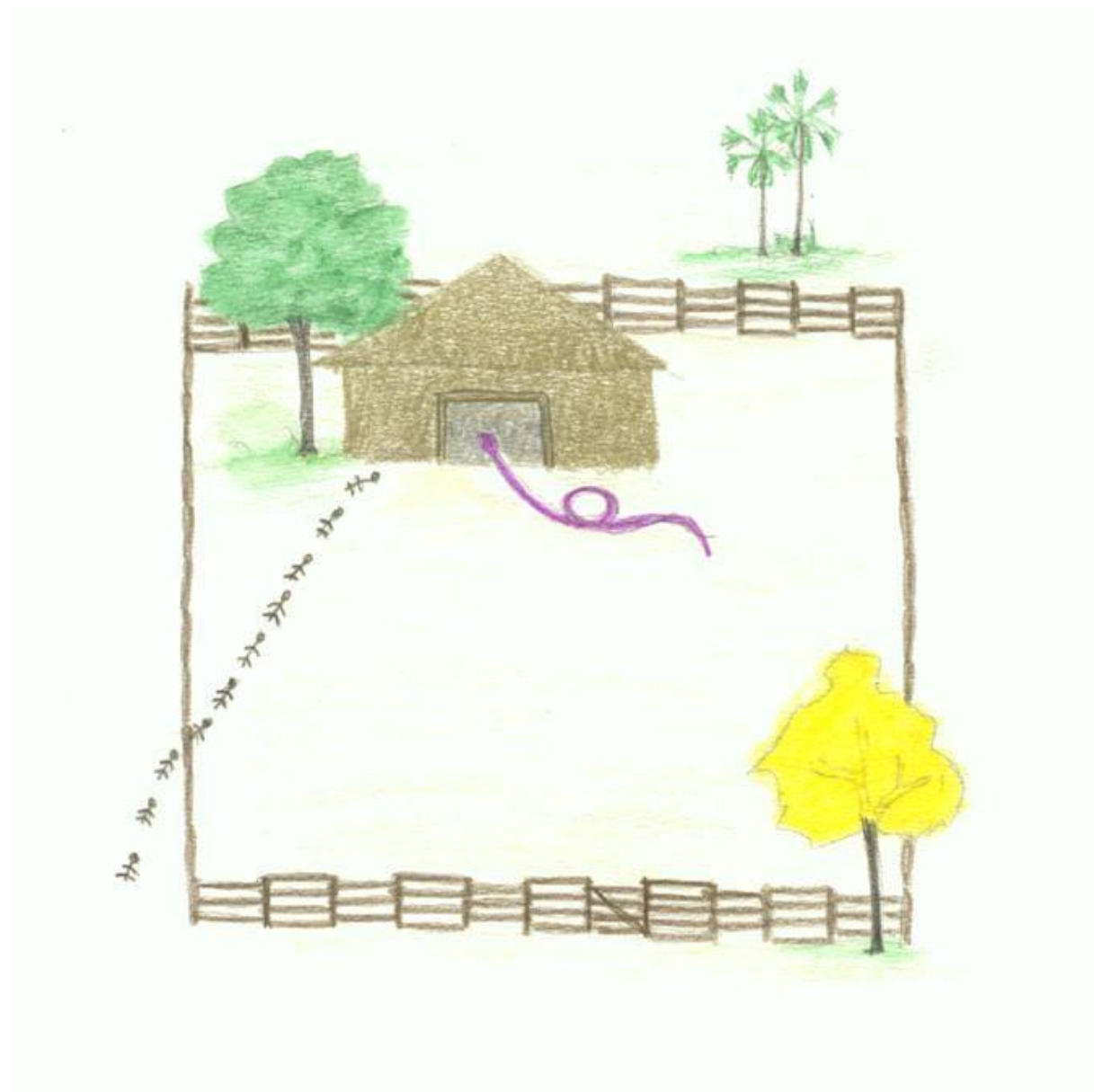
traz leite no peito,

*traz fogo nos olhos, água na
boca*

*traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!*

O bezerrinho, então, pensou que era sua mãe, e abriu a porta.

A cobra deu um bote para dentro, dizendo:



— *Não sou sua mãe não, bezerro bobo, sou a Cobra Gabriola, que come gente, come bicho, come tudo quanto há.*

E nheco, engoliu o bezerrinho de uma vez só.

Quando de tardinha a Vaquinha Titiringô chegou, bateu na porta, como sempre fazia. A cobra perguntou:

— *Quem é?*

E ela respondeu:

— *Abre a porta meu filhinho
que aqui está sua
mãezinha que traz leite no
peito,
traz fogo nos olhos, água na
boca
traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!*

— *Pois aqui, disse a cobra, é a Cobra Gabriola, que come gente, come bicho, come tudo quanto há!*

— *Cadê o meu filhinho?* Perguntou a vaquinha.

— *Está na minha barriga!*



Aí a vaquinha entendeu o que tinha acontecido e começou a chorar, cheia de tristeza e dor.

E a cobra ainda disse para ela que ela podia ir embora, pois ela ia ficar morando naquela casinha, que tinha gostado muito, era muito bonitinha e quentinha, cheia de palha, parecia um presépio.

A vaquinha ficou chorando, na beira da estrada, a noite toda.

De manhã cedo, a vaquinha já nem sabia o que fazer, de tão triste. Foi quando veio subindo pela estrada uma formiguinha. Quando viu as lágrimas grandonas da vaquinha, perguntou:

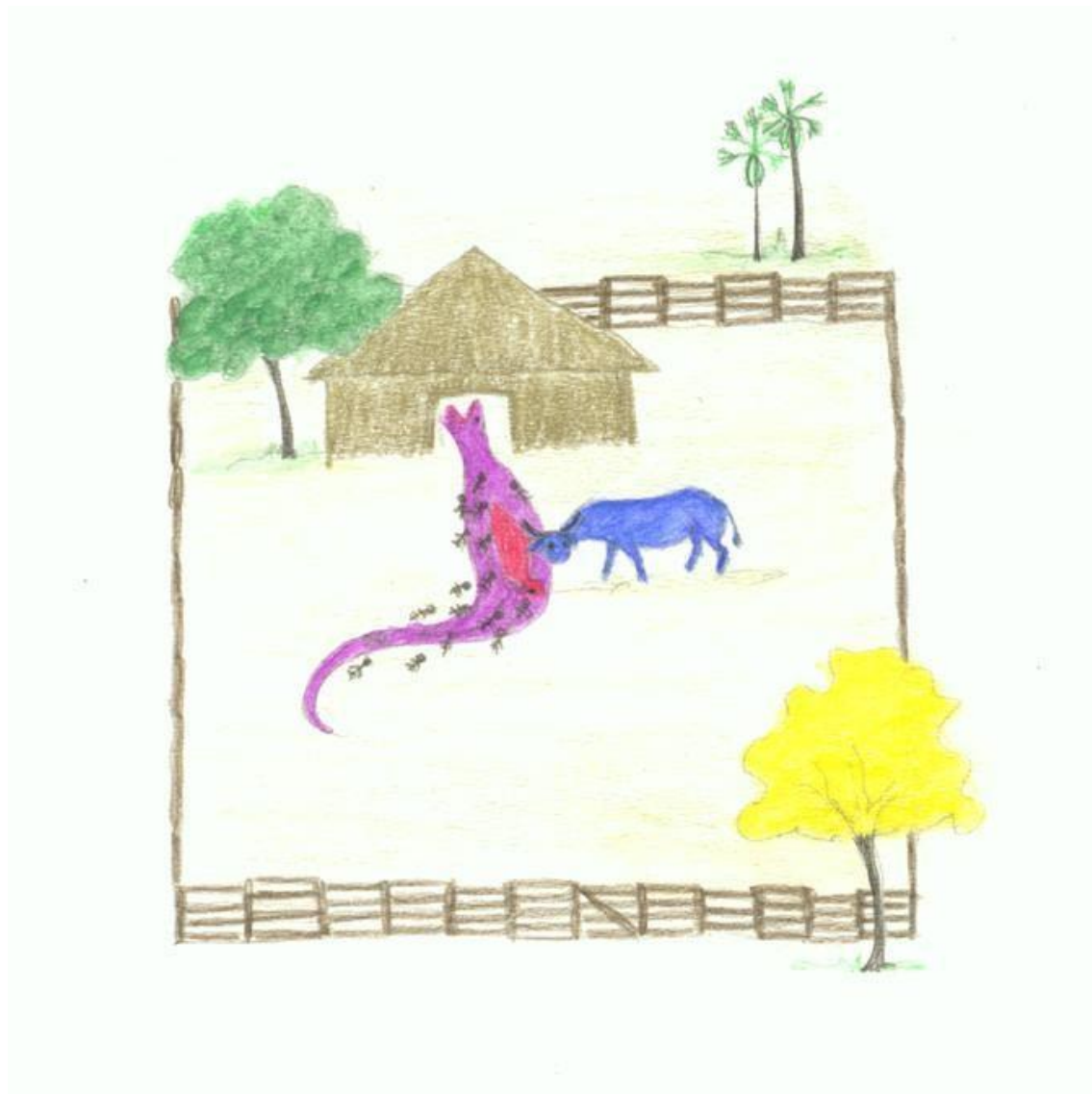
— *O que aconteceu, minha amiga?*

A vaquinha contou toda a história. E voltou a chorar.

A formiguinha disse:

— *Pode deixar, que nós vamos ajudar você.*

Foi no formigueiro, e chamou todas as suas irmãs. Elas fizeram um fila e foram subindo pelo tronco de carnaúba da porteira. E entraram no curral por um vãozinho da tranca.



Lá dentro, elas viram a Cobra Gabriola enorme, com o bezerrinho na barriga, dormindo, jiboando para fazer a digestão.

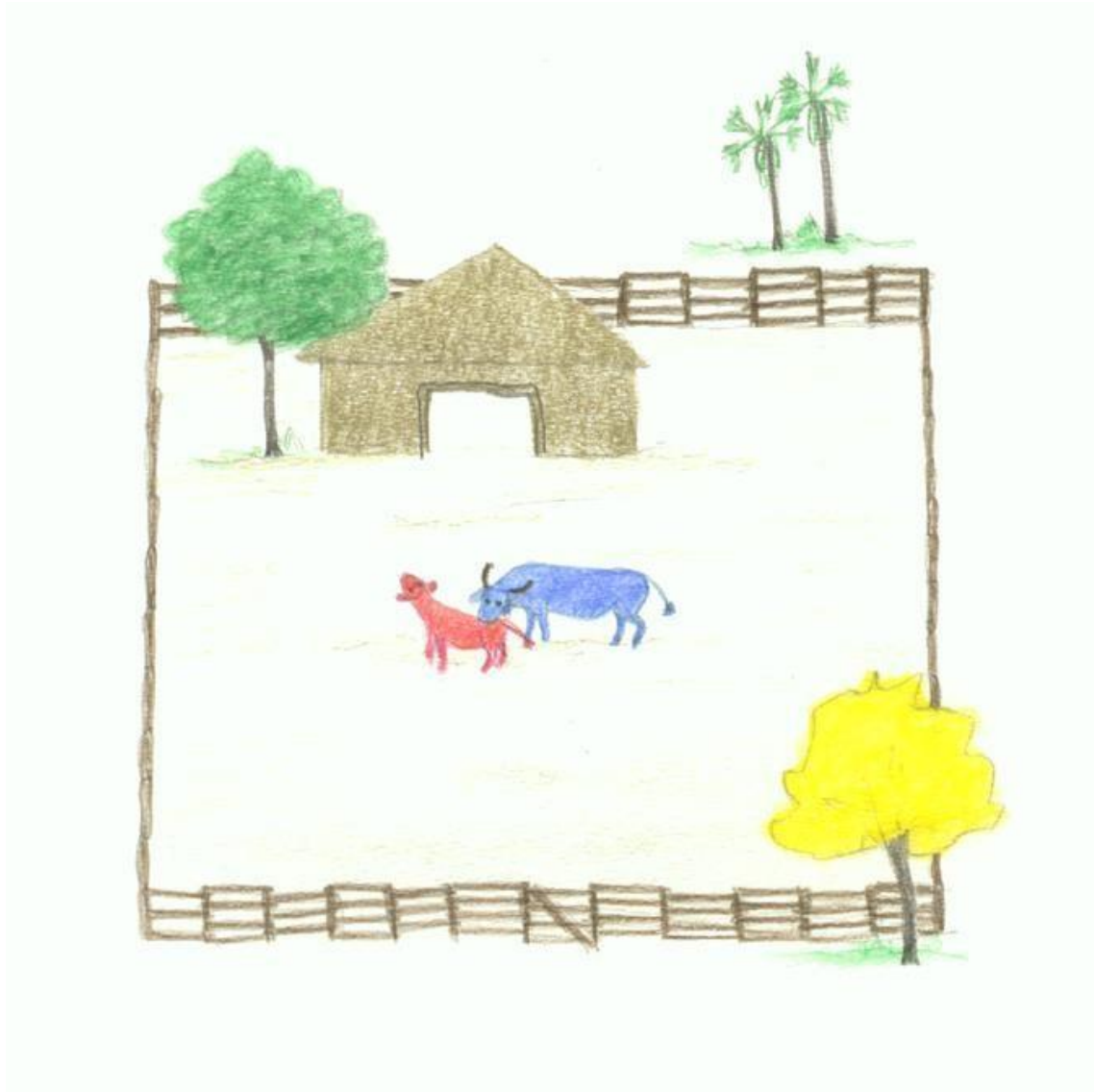
Aí, as formiguinhas começaram a comer a barriga da cobra com os dentinhos delas, todas elas juntas, comendo, comendo, até que...

...pulou de dentro da barriga o bezerrinho. Ele ainda estava vivo! A cobra, na fome que estava, tinha engolido ele de uma vez só.

Ele abriu rápido a porta, a vaquinha entrou, e matou a cobra, com os chifres pontudos e os cascos afiados.

Depois, eles penduraram a pele da cobra no curral, e deram uma festa muito grande, para agradecer as formiguinhas. E convidaram também o burro e o galo, porque o curral parecia com um presépio.

A vaquinha o bezerrinho foram muito felizes por toda a vida.



E, enquanto ele foi pequeno, toda a vez que a Vaquinha Titiringô chegava em casa e batia na porta, o bezerrinho perguntava quem era, a vaquinha balançava o sino do pescoço e dizia:

— *Abre a porta meu filhinho*
que aqui está sua
mãezinha que traz leite no
peito,
traz fogo nos olhos, água na
boca
traz lenha no chifre, abano no
rabo, Titiringô!